

**LEITURAS NO PASSADO, LEITURAS NO PRESENTE:
A APROPRIAÇÃO DE IMPRESSOS POR JOVENS LEITORES**

Juliana Ferreira de Melo
Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais
Doutora em Educação

Possui Graduação em Letras; é Licenciada (2001-2004) e Bacharel (2001-2005) com habilitação em Português pela UFMG. Mestre e Doutora em Educação pela mesma Universidade, realizou estágio de Doutorado na França (2012-2013), na Université Paris Ouest, Nanterre – La Défense (Paris X). Atualmente, é professora de Língua Portuguesa do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG e membro de dois grupos de pesquisa nesta instituição. No Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita, realiza debates e pesquisas sobre as relações entre oralidade e escrita, os modos e condições de participação nas culturas do escrito de diversos sujeitos em diferentes tempos e espaços, os encontros entre literatura, memória e história. No Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE/FaE/UFMG), participa de discussões de trabalhos em que se investigam os processos educativos.

ferreirademeloj@gmail.com

RESUMO

O que sabemos das práticas culturais das crianças de hoje? O que podemos afirmar de suas práticas de leitura? O objetivo desta pesquisa é investigar a leitura de crianças do Segundo Ciclo de Formação Humana, estudantes de uma Escola de Ensino Fundamental, em Belo Horizonte. Questões relacionadas ao porquê, como, quando, onde e ao quê se lê podem ser exploradas mais verticalmente em estudos nos quais se investiguem a leitura, os leitores, os usos que fazem dos diferentes materiais dados a ler, contribuindo com os trabalhos da História Cultural, da História do Livro e da Leitura, da História da Cultura Escrita, os quais fundamentam esta investigação. Pesquisas sobre alfabetização e letramento, círculos de leitura e letramento literário também inspiram o estudo. Para desenvolver a pesquisa, realizou-se o levantamento inicial do que leem as crianças, por meio da aplicação de um questionário, com perguntas sobre suas práticas culturais mais gerais, a respeito de suas práticas de leitura e convívio com materiais escritos. Após a análise das respostas recolhidas por meio do questionário, serão selecionados/as, para entrevistas, estudantes que leem revistas, a fim de aprofundar a investigação sobre a leitura desse tipo de impresso. As entrevistas serão realizadas com os participantes da investigação ao final de sua formação no Segundo Ciclo, no 6º ano escolar. Observações preliminares nas turmas de 4º ano indicam que as revistas de histórias em quadrinhos são os impressos prediletos de crianças nessa etapa de escolarização, na sala de aula ou na biblioteca. Neste contexto, alguns questionamentos permanecem: ao chegar ao 4º ano escolar, por que as crianças, geralmente, prefeririam esse tipo de impresso para ler? Quais seriam suas outras opções de leitura? Suas escolhas e preferências relacionadas ao ler permaneceriam ao final do Segundo Ciclo? Como, onde, quando e por que as crianças leem o que leem?

Palavras-chave: leitura – apropriação de impressos – crianças

ABSTRACT

READINGS IN THE PAST, READINGS IN THE PRESENT: APPROPRIATION OF PRINTED MATERIALS BY YOUNG READERS

What do we know about the cultural practices of today's children? What specifically can we say about their reading practices? The objective of this research is to investigate the reading of children of the Second Cycle, students of an Elementary School, in Belo Horizonte city. Questions related to why, how, when, where and what someone read can be explored more vertically in studies that investigate the reading, the readers, and the uses that they make of different reading materials, contributing to the works of the Cultural History, History of the Book and Reading, Written Culture History, which are the base of this investigation. Researches about literacy, circles of reading and literary literacy also inspire this study. In order to develop this research, an initial survey about what children read was carried out through the application of a survey questionnaire with questions about their more general cultural practices, regarding to their reading practices and contact with written materials. After the analysis of the answers collected through the questionnaire, students that read magazines will be selected for interviews, in order to deepen the investigation about the reading of this type of printed material. These interviews will be conducted with participants of this research at the end of their Second Cycle training, in the 6th year of school. Preliminary observations in the 4th year class indicate that comic book magazines are the favorite printed materials of children in this stage of schooling, in the classroom or library. In this context, some questions remain: in the 4th year at school, why would children generally prefer this type of printed material to read? What would be their other reading options? Would their reading choices and preferences remain at the end of the Second Cycle? How, where, when and why do children read what they read?

Keywords: reading – appropriation of printed material – children

1. Introdução

Ao longo dos últimos anos, venho trabalhando com o que, por muito tempo, não mereceu a atenção de inúmeros pesquisadores.¹ Impressos de ampla circulação, embora hoje em dia já sejam utilizados em estudos de diferentes campos,² ainda não são bem recebidos, como fontes principais de pesquisa, pelos mais ortodoxos, sobretudo quando se trata de impressos baratos, destinados às mulheres, às crianças, ou direcionadas a um

¹ Ver Juliana Melo (2013).

² Tal como verificamos, por exemplo, entre os trabalhos do campo da Educação a respeito de impressos femininos e sua apropriação (SAMPAIO, 2008); os estudos sobre gênero e leitura de revistas destinadas às mulheres (MIGUEL, 2009); na História (ANTONUTTI, 2012); nos estudos históricos sobre revistas femininas e relações de gênero (BASSANEZI, 1996), sobre impressos de larga circulação e seus modos de apropriação (GALVÃO, 2000; GIET, 1997).

público “popular”.³ Apesar de a noção “popular” ser espinhosa e suscitar muitos debates sobre o seu emprego,⁴ o termo continua a ser empregado, muitas vezes, com o intuito de desqualificar tanto impressos produzidos em larga escala, para alcançar o maior número possível de leitores, quanto aqueles que deles se apropriam.⁵

Diante desse quadro, não somente impressos de ampla circulação, como também sua leitura, além de receberem pouca atenção de estudiosos, configuram-se como objetos de pesquisa, *a priori*, pouco valorizados no campo científico. Tal tendência não é uma realidade específica do Brasil; a questão da (não) legitimidade desses objetos de estudo está também presente no campo científico francês. O fenômeno pode ser observado em relação aos produtos da indústria cultural voltados para as crianças, pré-adolescentes, adolescentes e para os jovens. Matthieu Letourneux (2011, p.13-14), ao refletir sobre os estudos nos quais os pesquisadores se voltam, particularmente, para as formas da ficção na cultura infantojuvenil, constatou que os estudiosos, em geral, negligenciam uma parte considerável das produções da cultura midiática destinadas às crianças, aos jovens, não as tomando como objeto de investigação, mesmo que se verifiquem, nela, as transformações mais radicais das formas e dos usos das produções. Na mesma direção, Jon Savage (2008), citado pelo autor, constatou poucos investimentos por parte da universidade nas questões de transmissão e de educação ligadas aos objetos da cultura midiática no mundo das crianças e dos jovens. Assim, cabe perguntar: o que sabemos das práticas culturais das crianças e das/dos jovens de hoje? O que podemos afirmar, mais especificamente, de suas práticas de leitura?

Neste trabalho, apresento os caminhos iniciais de uma pesquisa em andamento, na qual busco investigar a leitura de crianças, estudantes do Segundo Ciclo de Formação Humana, em uma Escola de Ensino Fundamental e de Tempo Integral, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Nesse estágio de aprendizado, elas – espera-se – já venceram as etapas mais árduas da alfabetização e continuam, em um percurso de consolidação, sua formação como leitoras. Questões relacionadas ao porquê, como, quando, onde e o quê se lê podem ser exploradas mais verticalmente em estudos nos quais se investiguem a leitura, os leitores, os usos que fazem dos diferentes materiais dados a ler, contribuindo com os estudos que vêm sendo realizados, sobretudo, no campo da História Cultural, da História do Livro e da Leitura,⁶ da História da Cultura Escrita,⁷ os quais fundamentam, teórica e metodologicamente, esta investigação. Pesquisas sobre alfabetização e letramento, círculos de leitura e letramento literário também inspiram o estudo.⁸

³ Mais especificamente no que se refere a impressos voltados para crianças e sua apropriação, consultar os estudos de Patrícia Pina (2012), Márcia Silva (2011), Joana Rita Fernandes (2007), Renata Souza (2009), Catarina Martins (2012), Maria Betanea Platzer (2009).

⁴ Roger Chartier (1995) mostra como a noção de *cultura popular* deve ser tratada historicamente e como a oposição entre “cultura legítima”/“cultura popular” não contribui para a compreensão de fenômenos sociais, culturais que se alimentam, são dinâmicos, bem como precisam ser apreendidos no tempo e no espaço em que ocorrem.

⁵ No campo da Sociologia, são dignas de nota as reflexões de Pierre Bourdieu (2008 [1979], 1981 [1976], 1983, 1996 [1983], 2004 [1990]), Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant (1992), Claude Grignon e Jean-Claude Passeron (1989).

⁶ Destaco aqui os trabalhos de Chartier (1988 [1982-1986], 1994, 1998 [1997], 2000); de Chartier e Guglielmo Cavallo (1998 [1997], 1999 [1997]).

⁷ A esse respeito, ver as coletâneas organizadas por Ana Galvão, Juliana Melo, Maria José Francisco de Souza, Patrícia Resende (2007); Mônica Jinzenji, Ana Galvão e Juliana Melo (2017).

⁸ Para este texto, destaco os trabalhos de Magda Soares (2007a, 2007b) e Rildo Cosson (2014).

2. Os caminhos da pesquisa

2.1. Leituras no passado, leituras no presente

O que leem os estudantes em casa, na escola? Preferirão a leitura de histórias em quadrinhos? Nossos alunos seriam apenas ‘consumidores’ de impressos, de produtos da indústria cultural e de (breves) textos que circulam na Internet? O que fazem eles com o que leem?

Para tentar responder a questões como essas, tendo como campo investigativo uma escola de Ensino Fundamental, de Tempo Integral, primeiramente, realizei o levantamento inicial do que leem as nossas crianças de hoje, com faixa etária entre nove e dez anos de idade, em turmas do quinto ano escolar, por meio da aplicação de um questionário de sondagem, com perguntas sobre suas práticas culturais mais gerais e também, em particular, a respeito de suas práticas de leitura e convívio com materiais escritos. Após a análise, ainda em curso, das respostas recolhidas por meio do questionário, serão selecionados, para entrevistas, estudantes que leem revistas, a fim de aprofundar a investigação sobre a leitura desse tipo de impresso. Meu trabalho de Doutorado (MELO, 2013) evidenciou que meninos e meninas, crianças e jovens, oriundos de diferentes meios sociais, entre oito e 16 anos de idade, entre o final dos anos 1940 e a década de 1960, no Brasil, liam intensamente revistas (de fotonovelas); alguns deles, antes de se enveredar pela experimentação literária e pelo mundo dos livros. Evidência semelhante foi constatada em minha investigação de Mestrado (MELO, 2008), quando estudei os modos de participação nas culturas do escrito de Pedro Nava (1903-1984). Originário de uma família das elites econômicas e intelectualizadas no Brasil do início do século XX, o escritor e médico mineiro, além de conviver, especialmente no ramo paterno de sua família, com a cultura legítima de seu tempo de criança, em uma casa repleta de livros e materiais escritos, iniciou sua descoberta das letras, folheando, recortando e lendo revistas.

Assim, este estudo, embora apresente certas semelhanças com as investigações que se ligam a outras da História Cultural, é, mais especificamente, um trabalho que se insere no campo de estudos sobre a leitura, na contemporaneidade, sobretudo por se tratar de uma pesquisa que tem como foco experiências vivenciadas atualmente. Configura-se, pois, como uma investigação qualitativa⁹ de fenômenos que acontecem em nossos dias. A pesquisa proposta justifica-se por oferecer a possibilidade de compreender melhor os processos que envolvem a leitura realizada por crianças, suas preferências, gostos e, em particular, a apropriação de revistas, não no passado, mas no presente.

Saber ler e escrever com fluência e eficiência é um dos direitos básicos das crianças e dos jovens que educamos. Nesse sentido, vale ressaltar as palavras de Rildo Cosson (2014). De acordo com o autor,

Aquele que não sabe ler não tem acesso aos diplomas, nem ao poderoso mundo das informações e certamente terá dificuldade de ler os filmes e outros produtos culturais que possibilitam uma formação alternativa à escola. [...] A leitura é [...] um processo de compartilhamento, uma competência social. Daí que uma das principais funções da escola seja justamente constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a

⁹ Sobre a investigação qualitativa em Educação, consultar Roberto Bogdan e Sari Biklen (1994 [1991]).

compartilhar, a processar a leitura. [...] Quando a escola falha nesse compartilhamento, no processo da leitura, na função de nos formar leitores, falha em tudo mais, pois não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação (p.33-36).

Essas reflexões de Cosson (2014) nos levam a alguns questionamentos, quando pensamos nas crianças, participantes da investigação de que trato neste trabalho. O que sabemos sobre seu envolvimento com a leitura? Quais são os sentidos que os estudantes lhe atribuem?

Na pesquisa, interessam-me as relações que os leitores estabelecem com os impressos e, particularmente, com os textos que leem em revistas. A partir da descrição e da análise dos usos que se fazem de um objeto cultural, de um texto, podemos chegar às práticas de leitura, aos leitores, às suas apropriações do que leem. Busca-se, com esses procedimentos, chegar ao ponto de encontro entre o mundo dos textos e o mundo dos leitores, das leitoras dos impressos. Desse modo, poderemos entender como os textos (de revistas) são apropriados por seus leitores e se têm os conduzido para uma nova forma de compreensão de si mesmos e do mundo, seja pela aceitação de seus dispositivos,¹⁰ seja pela subversão do que os textos procuram prescrever. Procedendo dessa forma, será possível apreender de que maneira os textos lidos poderiam ou não se aplicar à situação dos leitores, isto é, de que modo configurações narrativas poderiam “corresponder a uma refiguração da própria experiência” (CHARTIER, 1988, p.24).

Uma vez que o objeto deste estudo configura-se por meio das práticas sociais de leitura (de revistas), fundamentando-me em Chartier (1988), um esforço de análise das revistas lidas pelos sujeitos participantes da pesquisa, como também, evidentemente, dos textos publicados nos suportes, será realizado. Segundo o autor (CHARTIER, 1988; 1998), a materialidade do texto, o seu suporte influenciam as maneiras de ler e a construção de sentido pelo leitor. Assim, conhecendo os leitores visados pelas revistas lidas pelas crianças nos dias atuais, as práticas de leitura, propriamente ditas, dos impressos serão reconstruídas e analisadas a partir das entrevistas concedidas por seus leitores empíricos.

De acordo com o que já salientei, considerando o objeto do estudo e a natureza das questões que me proponho responder, a abordagem qualitativa apresenta-se como a mais adequada para a pesquisa. Desse modo, é importante notar que, mesmo que meu foco esteja sobre as relações que os indivíduos estabelecem com impressos de ampla circulação, minhas lentes de investigação serão utilizadas ainda para analisar os cenários atuais, os quais favorecem não somente a circulação de revistas no Brasil, sua leitura, mas também o convívio com uma enorme diversidade de materiais escritos, sejam eles impressos, sejam eles aqueles disponíveis no mundo digital. Esse procedimento propiciará conhecer importantes nuances da história dos impressos brasileiros, de características das culturas do escrito no País, na contemporaneidade, bem como de seus leitores empíricos.

No estudo, procurarei dar forma aos leitores de revistas, tendo em vista seu pertencimento social, étnico-racial e de gênero.¹¹ A escolha desses três critérios para desenhar o perfil de leitores de revistas baratas e de suas práticas de leitura, dos usos

¹⁰ A respeito de dispositivos discursivos ou institucionais, consultar Chartier (1988, p.60).

¹¹ Neste texto, trabalho com a categoria *gênero*, em consonância com a proposição de Joan Scott (1990).

que fazem de impressos de larga circulação, justifica-se pelo fato de, historicamente, verificarem-se diferentes modos de participação nas culturas do escrito por indivíduos, famílias e grupos sociais diversificados, considerando-se a origem e o pertencimento dos sujeitos em termos de classe social, raça, etnia e gênero.¹² Para tanto, observando esses critérios, partirei da análise dos depoimentos das crianças, participantes da investigação, no que se referem à relação que estabelecem com esse tipo de material, identificada nas entrevistas. É preciso reconstruir, com rigor e sistematização, as práticas de leitura dos sujeitos, as apropriações que os leitores fazem dos suportes e dos textos veiculados por eles, as situações em que leem (revistas), os papéis atribuídos à leitura. Meu objetivo, pois, é aprofundar a investigação em aspectos relativos aos modos de apropriação de revistas pelos estudantes.

Mas, afinal, o que sabemos sobre esses estudantes? E a respeito da Escola, campo de investigação deste estudo? Quem são as crianças do Segundo Ciclo de Formação Humana dessa instituição? Alguns elementos para responder a essas perguntas, passo a apresentar a partir de agora.

2.2. A Escola

Criada em 1954, o espaço em que esta investigação tem sido realizada nasceu, à semelhança de outras escolas integradas às Faculdades Federais de Filosofia, como uma escola destinada à prática docente das/dos estudantes dos cursos de Didática. Inicialmente concebida como um Ginásio de Aplicação de uma Universidade Federal, a Escola foi criada em cumprimento aos dispositivos legais do Decreto Lei nº 9.053 de 1946. Trata-se, por conseguinte, de uma instituição escolar, cuja origem liga-se a demandas de formação de professoras/es.

De Ginásio de Aplicação, a Escola transformou-se em Colégio de Aplicação em 1958 e passou a ofertar quatro cursos: Ginásial, Científico, Clássico e Normal. As mudanças institucionais continuaram, e, a partir de 1968, sua função básica passou a ser oferecer o ensino de 1º e 2º graus. Em 1972, novas modificações ocorreram, e a Escola configurou-se como uma escola de 1º grau. Porém, manteve ainda um colégio técnico, onde se ofertavam cursos de nível médio e de aperfeiçoamento profissional.

De acordo com informações sobre seu histórico, localizadas no site da instituição e também em documentos da Escola,¹³ no final da década de 1990, mais especificamente, em 1997, a escola de 1º grau recebeu outra denominação: Escola Fundamental. Essa nova denominação atendia às orientações da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 9394/96). Finalmente, em 2007, a Escola sofreu novas transformações e passou a integrar uma instituição de Educação Básica e Profissional, legalmente considerada como uma unidade especial de uma das Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Nesses dez anos, compreendidos pelos anos de 1997 e 2007, entre as mudanças que continuaram a acontecer na Escola, algumas delas merecem destaque. Nesse período, por ter se constituído como uma escola pública de Ensino Fundamental (e, a partir de 2006, como uma escola de Ensino Fundamental de nove anos); desde 1995, organizado em Ciclos de Formação Humana, a instituição adotou o sorteio como forma

¹² Nessa direção, destacam-se os estudos publicados na coletânea organizada por Galvão, Melo, Souza e Resende (2007), assim como as pesquisas de Beltrão (2003) e Melo (2013).

¹³ Por questões éticas, não serão referenciados nem o site da Escola, nem os documentos institucionais consultados para a escrita deste trabalho, para evitar a identificação do estabelecimento, assim como das crianças, participantes da pesquisa.

de ingresso dos/das estudantes na Escola. Essa decisão apoiou-se no pressuposto de que o sorteio seria a forma mais democrática de entrada dos estudantes na instituição e teve, como objetivo, evitar mecanismos de seleção os quais pudessem favorecer qualquer grupo social.

Na atualidade, conforme informações do site da instituição, a Escola ministra o Ensino Fundamental, base de investigação para a produção de conhecimento em ensino, pesquisa e extensão. Tem como finalidade constituir-se como campo de experimentação pedagógica, que fundamente avanços e reflexões sobre a prática educativa. Configurar-se como espaço de pesquisa, tanto na Educação Básica, quanto na formação de professores e profissionais que atuam no ambiente escolar tem sido seu objetivo primordial.

2.3. Os sujeitos participantes da pesquisa

Os/as participantes da pesquisa, de acordo com o que já foi mencionado neste texto, são estudantes do Segundo Ciclo de Formação Humana de uma escola pública, de Ensino Fundamental, que funciona em tempo integral, em Belo Horizonte. Trata-se de crianças, cuja formação, como leitoras, eu venho acompanhando desde 2015. Elas ingressaram na Escola, espaço desta investigação, no primeiro ano do Primeiro Ciclo de Formação Humana, em 2012.

Segundo documentação disponível no núcleo de atendimento e integração pedagógica da Escola¹⁴ e no setor de apoio à saúde da instituição,¹⁵ as duas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental de 2012 eram compostas por mais meninos do que meninas, embora a diferença entre eles e elas fosse pequena. No total, 52% das crianças deste ano escolar eram meninos; 48%, meninas. A maioria das crianças, pertencentes a essas turmas, convidadas a participar da pesquisa, mora na cidade onde a Escola funciona. 92% delas residem em Belo Horizonte; 6%, em Contagem; 2%, em São José da Lapa, em Minas Gerais.

Outro dado, disponibilizado em levantamento elaborado pelas funcionárias responsáveis pelos setores citados anteriormente a partir das fichas cadastrais das crianças, que nos interessa neste estudo, é sobre sua composição familiar. 80% mora com o pai e com a mãe. Esse dado é importante para a pesquisa porque nos ajuda a pensar sobre a possibilidade de transmissão familiar (ou não) de gostos e preferências culturais, inclusive, relacionados à leitura. Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1964), François De Singly (1993, 1996) e Bernard Lahire (1997, 2004), para citar estudiosos franceses que se dedicaram à temática, publicaram trabalhos relevantes, evidenciando como a herança cultural, a cultura legítima, pode ser apropriada por indivíduos (“herdeiros”¹⁶ ou não) graças à transmissão familiar de capital cultural.

¹⁴ Composto por uma assistente social e duas psicólogas, o referido núcleo é um setor de acompanhamento e orientação educacional. Sua função é integrar estudantes, família e escola. De acordo com documentos institucionais e também conforme informações localizadas no site do estabelecimento, o setor dedica-se a uma permanente interlocução com os diferentes sujeitos da comunidade escolar. Esse núcleo busca, de diversas maneiras, atender às demandas referentes a questões escolares e suas implicações sociais, afetivas, emocionais, psicológicas e familiares relacionadas aos estudantes.

¹⁵ Esse setor, por sua vez, ainda segundo documentos institucionais e conforme informações do site da Escola, desenvolve atividades de assistência básica e de primeiros socorros junto à comunidade interna do estabelecimento escolar. O setor participa ainda da formação humana proposta pela instituição, por meio de orientações, projetos, oficinas, também em parceria com outros profissionais e instituições. Desde 1995, coleta, sistematicamente, dados relacionados ao atendimento diário na Escola.

¹⁶ Utilizo aqui a concepção de Bourdieu e Passeron (1964) para o termo *herdeiro*.

Também no Brasil, existem trabalhos importantes, especialmente na Sociologia da Educação, que mostram como ocorrem fenômenos de transmissão e apropriação cultural em diferentes famílias. São exemplos de estudos dessa natureza, os trabalhos de Maria Alice Nogueira (1995, 1997), Nadir Zago (2007), Maria José Braga Vianna (2005) e Patrícia Cappuccio Resende (2007).¹⁷

Outro aspecto relevante para esta investigação e que o citado material nos revela diz respeito ao perfil racial das crianças que chegaram ao Segundo Ciclo de Formação Humana, nesta Escola, em 2015. A maioria das crianças é branca (19) e parda (17). Três delas são negras; duas, amarelas, e nove representa o grupo de crianças, cujos responsáveis não informaram o pertencimento racial dos estudantes. Estudos evidenciam como tem sido, conforme o que destaquei, diversificada, mas também desigual a participação das crianças nas culturas do escrito se consideramos como variável seu pertencimento étnico-racial, tal como discutem Antônio Augusto Gomes Batista e Vera Masagão Ribeiro (2005).

Quanto à escolarização de pais e mães das crianças, sujeitos da pesquisa, o perfil de seus parentes mostra que o número de pais com curso superior completo é ligeiramente maior do que o de mães com o mesmo nível de escolarização. 12 dos pais dos estudantes possuem curso superior completo, enquanto dez das mães dessas crianças completaram seus cursos de Graduação. Em contrapartida, se nosso parâmetro de comparação de escolaridade de pais e mães das crianças é o Ensino Médio, os números são bem reveladores. Enquanto a maioria das mães (30) completou a Educação Básica, apenas 16 dos pais têm o Ensino Médio completo. Vale notar que um pai informou ser analfabeto, e seis não completaram o Ensino Fundamental. No caso das mães, nenhuma delas afirmou ser analfabeta, assim como é pequena a quantidade de mães que não completaram o Ensino Fundamental. Somente três entre elas informaram não ter prosseguido os estudos nesse nível de escolarização. Sem desejar fazer uma correlação direta entre nível de escolaridade e formação de leitores, é importante destacar que, do ponto de vista da Sociologia da Educação, os estudos tendem a ressaltar o importante papel da escola – e também de outros espaços de sociabilidade, como a família – no processo de formação dos sujeitos,¹⁸ sobretudo dos não herdeiros.¹⁹

No que diz respeito ao pertencimento social, há diversidade entre as crianças participantes do estudo, se verificamos a renda de seus pais, conforme podemos ver nos gráficos a seguir:

¹⁷ Em minha dissertação (MELO, 2008), analisei, na perspectiva da História da Educação, como Pedro Nava (1903-1984) se formava como um “herdeiro” no contexto familiar de transmissão e apropriação da cultura legítima, disponibilizada a ele por seus parentes, sobretudo, paternos.

¹⁸ Como mostra o trabalho de Bourdieu e Passeron (1964).

¹⁹ A esse respeito, ver Lahire (1997).

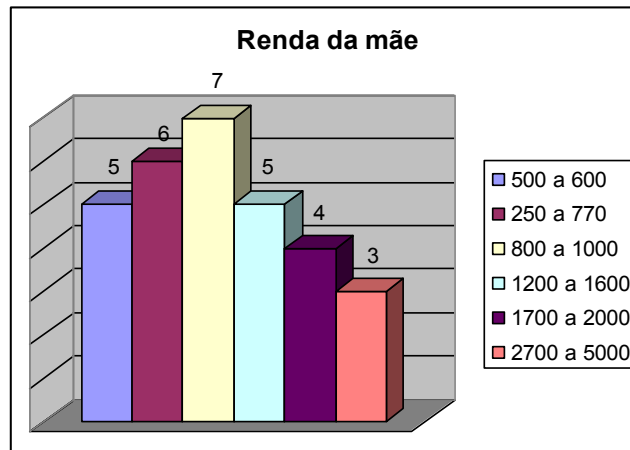


Gráfico 01: Renda da mãe

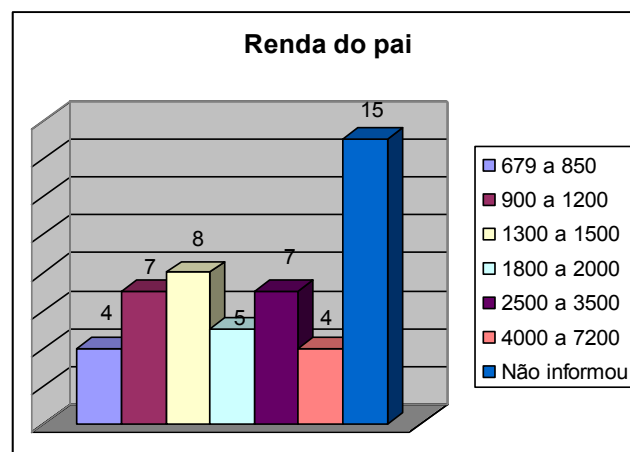


Gráfico 2: Renda do pai

Apesar da diversidade das crianças quanto a seu pertencimento social, a qual podemos constatar ao observar os dados dos gráficos apresentados, vale notar que a maior parcela das 30 mães dessas crianças que informaram sua remuneração na ficha cadastral de seus filhos, de suas filhas, recebia, em 2012, ano em que foi feito o levantamento de dados no qual me apoio para traçar este perfil, valores que variavam em torno de um a dois salários mínimos. Eram, aproximadamente, 18 mães nesta situação. Porém, é importante salientar, uma parcela razoável de mães (em torno de 11) recebia, mensalmente, o valor de um salário mínimo ou menos. Os pais, por sua vez, apresentavam renda superior à renda das mães das crianças. 24, entre os pais que informaram sua renda à Escola, ganhavam, por mês, dois salários mínimos ou mais, enquanto o restante (11) recebia menos, sendo que somente uma pequena parcela de pais ganhava valores próximos a um salário mínimo (menos de quatro pais), mas, ainda assim, maiores do que R\$622,00.

No que se refere à escolarização das 50 crianças, sujeitos da pesquisa, ao menos na fase inicial do estudo, vale ressaltar que, antes do início de sua formação na Escola, campo desta investigação, a grande maioria (37 crianças) cursou a Educação Infantil na rede particular. Para uma criança do grupo, não temos informação a esse respeito, e o restante (12) frequentou a escola pública a fim de começar sua formação na Educação Infantil. Outro dado importante sobre a escolarização e também sobre a participação nas culturas do escrito das crianças diz respeito à realização do para casa. 94% delas

solicitava, em 2012, ajuda para fazer as tarefas escolares em casa. No caso de 26 crianças, ou seja, mais da metade do grupo investigado, era a mãe quem ajudava meninos e meninas a fazer o para casa. Nessa direção, vale salientar que alguns estudos do campo da Sociologia da Educação evidenciam como as mães, especialmente aquelas de famílias de meios populares, costumam assumir um papel, senão decisivo, bastante relevante no sucesso escolar de seus filhos, de suas filhas.²⁰

2.4. Depoimentos orais

Para continuar a investigação que abordo neste texto, segundo o que ressaltai anteriormente, trabalharei também com entrevistas, a serem realizadas na segunda etapa da coleta de dados, prevista para este estudo. Assim, uma das fontes principais da investigação são os depoimentos orais das crianças, leitoras de revistas, estudantes do Segundo Ciclo de Formação Humana, cujo perfil foi apresentado no subitem anterior. A partir da análise dos depoimentos, pretendo reconstruir as práticas de leitura desse tipo de impresso, as apropriações que dele se realizam por meio do que me narrarem seus leitores.

Por isso, a narrativa – seja ela aquela que me chegará por meio das entrevistas; seja ela a que produzirei a partir das fontes orais – receberá atenção nas reflexões resultantes do desenvolvimento da investigação. As formas de construção e de organização do discurso terão os devidos cuidados metodológicos durante a continuidade da pesquisa. Esse procedimento justifica-se porque não desconsidero o elemento ficcional que constitui tanto a narrativa do entrevistado, quanto o trabalho da pesquisadora.²¹

Para tratar adequadamente os dados coletados por meio das entrevistas, os depoimentos orais das crianças participantes da pesquisa serão tomados por meio da exploração de seu conteúdo, mas também a análise se voltará para a forma utilizada por elas para construir os discursos sobre suas experiências (de leitura). Importa, assim, também os modos de dizer, a enunciação²² (e não somente o enunciado). Estarei atenta, pois, às maneiras pelas quais as narrativas serão construídas pelas crianças, bem como ao lugar de enunciação de cada leitor, de cada leitora.

O trabalho com a fonte oral, com entrevistas pode nos oferecer ainda outras possibilidades, além da oportunidade de colher informações que outras fontes não nos permitiriam acessar. Ana Galvão (2006) ressalta o privilégio de perceber, na situação de entrevista, “a relação do entrevistado com a leitura em uma situação em que ela se dava concretamente” (p.210). Após a análise das informações do questionário de sondagem e a seleção dos participantes da pesquisa que serão entrevistados, será possível disponibilizar, durante as entrevistas, os impressos que costumam ler, especialmente, as revistas, a fim de que possam reler e folhear esses materiais, depois de falarem sobre suas experiências de leitura. Esse apoio para a memória colabora com a rememoração nos momentos de silêncio prolongados, os quais podem acontecer durante as entrevistas, possibilitando a retomada de elementos importantes das situações de leitura, que, sem a presença e o manuseio do impresso, podem ficar esquecidos. Mesmo diante da imprevisibilidade, característica do processo de produção das entrevistas, podemos

²⁰ A esse respeito, consultar o estudo de Ana Cristina Gonçalves Carvalho (2005) e Maria José Braga Vianna (2005).

²¹ A esse respeito, ver: Paul Veyne (1992 [1978]) e Hayden White (1994).

²² Sobre a enunciação, consultar Mikhail Bakhtin (1992a, 1992b).

perceber a riqueza não somente da fonte oral, mas também da situação que envolve a coleta dos depoimentos. Com as lembranças de leituras, vêm as vivências. Para apreender essa riqueza, são necessárias disposição e habilidade para escutar, conforme destaca Paul Thompson (1992 [1978]); sensibilidade para trabalhar com entrevistados diferentes entre si, como é o caso desta pesquisa.

Depois de realizar as entrevistas com as crianças, leitoras de impressos de larga circulação, transcreverei, na íntegra, todos os depoimentos coletados. Quanto à transcrição das entrevistas, vale ressaltar algumas das reflexões de Bourdieu (1997). Para o autor, trata-se de um trabalho de tradução, interpretação e de reescrita necessário – momento em que decisões são tomadas a fim de garantir a inteligibilidade do texto. É preciso estar claro para o/a pesquisador/a que o que ele/ela produz é “um ponto de vista sobre um ponto de vista” (p.713).

Os depoimentos serão, então, “dissecados”, categorizados em função do objeto da pesquisa, isto é, a apropriação de revistas e o lugar que impressos dessa natureza ocupam no processo de formação de seus leitores. Assim, as categorias para separar e sistematizar os dados oriundos da análise dos depoimentos serão elaboradas, considerando-se como, onde, quando, por que leem revistas as/os estudantes da Escola, participantes da investigação, e o que mais leem, além desse tipo de impresso.

“Recortar” as entrevistas, classificando-as em função de categorias que ajudam a compreender mais o objeto de estudo é indispensável. Sem esse procedimento metodológico, corre-se o risco de transcrever os depoimentos na íntegra em relatórios de pesquisa, e isso, mesmo que seja interessante em alguns trabalhos, não o é nesta pesquisa. Segundo Galvão (2006), a categorização dos dados coletados nas entrevistas por meio de sua separação é fundamental, pois é somente dessa maneira que conseguimos analisar os depoimentos, estabelecer relações e, assim, indicar os resultados que colaboram com a compreensão do objeto.

Considerações finais

As respostas a perguntas sobre leituras, modos de ler nos convidam a compreender os caminhos que fazem os leitores, as leitoras, em seus processos de formação, suas escolhas, seus gostos e preferências em matéria de leitura, bem como as apropriações que fazem dos diversos textos; dos diferentes impressos que circulam em nossa sociedade; dos materiais escritos, disponíveis também nas telas do mundo virtual. Conhecendo mais estes processos de formação de leitores, temos a possibilidade, como educadoras/es, de trabalhar, de forma mais adequada, o ensino, a aprendizagem da leitura (e da escrita; de conteúdos específicos, se consideramos que ler bem, com fluência, de maneira eficiente e autônoma, é a base para o aprendizado de muitas das diferentes disciplinas e saberes), como também suscitar, cultivar, nas crianças, um gosto pela leitura, inclusive, a literária.

Trabalhando com meninos e meninas, recém-chegados do Primeiro Ciclo de Formação Humana, pergunto-me sobre suas habilidades relacionadas ao ler, assim como a respeito de seus gostos em matéria de leitura. Sem perder de vista suas preferências culturais, nem o que lhes é garantido em lei, em termos de aprendizado na escola, torna-se necessário saber do que as crianças gostam, qual é a sua bagagem cultural, a fim de que possamos, com mais sucesso, ampliar seu repertório no que se refere à leitura, atentando para suas preferências, mas também assegurando a elas o que lhes é de direito, isto é, a participação, com qualidade, no mundo das culturas do escrito, em um processo de formação mais prazeroso e eficiente.

Nos dias atuais, observações preliminares, relacionadas a esta pesquisa, realizadas desde fevereiro de 2015, indicam que as revistas de histórias em quadrinhos são os impressos prediletos de meninos e de meninas para a leitura na Escola, seja em sala de aula, seja na biblioteca escolar. Neste contexto, pergunto-me: ao chegar ao quarto ano escolar, por que as crianças, geralmente, com nove anos de idade, prefeririam esse tipo de impresso para ler? E no quinto ano escolar, por que tal preferência? Quais seriam suas outras opções de leitura? Suas escolhas e preferências relacionadas ao ler permanecem ao final do Segundo Ciclo? Modificam-se? Como, onde, quando e por que as crianças leem o que leem? Respostas a questões como essas poderão nos ajudar na compreensão de fenômenos relacionados à leitura, bem como na elaboração de metodologias mais eficientes do ponto de vista da formação de leitores na escola.

Referências

ANTONUTTI, Isabelle. *Cino Del Duca (1899-1967): de la bande dessinée à la presse du couer, un patron de presse franco-italien au service de la culture de masse*. Tese (Doutorado em História) – École Doctorale Culture, Régulations, Institutions, Territoires, Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines, Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, Versailles, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 1992b.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; RIBEIRO, Vera Masagão. Cultura escrita no Brasil: modos e condições de inserção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.29, n.2, p.89-124, 2005. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25394>>. Acesso em: 16/06/2013.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami. *Alfabetização por sexo e raça no Brasil: um modelo linear generalizado para explicar a evolução no período 1940-2000*. Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari [1991]. *Investigação qualitativa em Educação*. Trad.: Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre [1979]. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad.: Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 1.reimpr. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____ et al. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p.693-732.

BOURDIEU, Pierre [1976]. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1981. p.82-121.

BOURDIEU, Pierre [1983]. Você disse “popular”? Trad.: Denice Barbara Catani. *Revista Brasileira de Educação*, n.1, p.16-26, jan./fev./mar./abr. 1996.

BOURDIEU, Pierre. Vous avez dit “populaire”? *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, Paris, n.46, p.98-105, mar. 1983.

BOURDIEU, Pierre [1990]. *Coisas ditas*. Trad.: Cássia R. da Silveira; Denise Moreno Pegorim. 1.reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *Les héritiers: les étudiants et la culture*. Paris: Ed. de Minuit, 1964.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. D. *Réponses: pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

CARVALHO, Ana Cristina Gonçalves. *Mobilização escolar em meios populares: estudo de um caso improvável*. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2005.

CHARTIER, Roger [1997]. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad.: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger [1982-1986]. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Trad.: Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995, p.179-192.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.) [1997]. *História da leitura no mundo ocidental*. Vol.1. Trad.: Fulvia M. L. Moretto; Guacira Marcondes Machado; José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (orgs.) [1997]. *História da leitura no mundo ocidental*. Vol.2. Trad.: Cláudia Cavalcanti *et al.* São Paulo: Ática, 1999.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

DE SINGLY, François. L'appropriation de l'héritage culturel. *Lien Social et Politiques* – *RIAC*. n.35, p.153-165, 1996.

DE SINGLY, François. Savoir hériter: la transmission du goût de la lecture chez les étudiants. In: FRAISSE, Emmanuel (org.). *Les étudiants et la lecture*. Paris: PUF, 1993. p.49-71.

DECRETO-LEI Nº 9.053, DE 12 DE MARÇO DE 1946. Cria um ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do País. *Diário Oficial da União* - Seção 1 - 14/3/1946, p.3693 (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-9053-12-marco-1946-417016-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 03/07/2014.

FERNANDES, Joana Rita de Freitas Fuschini. *Hábitos e práticas de leitura de crianças do pré-escolar*. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida; Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “História” oral e processos de inserção na cultura escrita. *Revista Educação em Questão*, Natal, v.25, n.11, p.206-223, jan./abr. 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 529 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de; SOUZA, Maria José Francisco de; RESENDE, Patrícia Cappuccio (orgs.). *História da Cultura Escrita no Brasil: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GIET, Sylvette. *Nous Deux 1947-1997: apprendre la langue du coeur*. Paris: Peeters Vrin, 1997.

GRIGNON, Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Le savant et le populaire: misérabilisme et populisme en sociologie et en culture*. Paris: Gallimard; Éditions du Seuil, 1989.

JINZENJI, Mônica Yumi; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de (orgs.). *Culturas orais, culturas do escrito: intersecções*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Trad.: Didier Martin; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 07/07/2014.

LETOURNEUX, Matthieu. Les formes de la fiction dans la culture pour la jeunesse. *Strenæ*, n.2, 2011. Disponível em: <<http://strenae.revues.org/434>>. Acesso em: 16/09/2011.

MARTINS, Catarina Xavier Gonçalves. A literatura como brinquedo e a formação da criança-leitora. *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v.6, n.2, p.468-475, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 08/01/2015.

MELO, Juliana Ferreira de. *Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (Minas Gerais, 1903-1913)*. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MELO, Juliana Ferreira de. *Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961)*. 2013. 435 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. *A revista Capricho como um “lugar de memória” (décadas de 1950 e 1960)*. 2009. 260 f. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. (Área de Concentração: Estudos de Gênero).

NOGUEIRA, Maria Alice. Convertidos e oblatos – um exame da relação de classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, v.7, n.7, p.109-129, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de camadas médias e a escola: bases preliminares para um objeto em construção. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.1, p.9-25, 1995.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura em quadrinhos e a formação do leitor hoje. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. São Cristóvão, Sergipe, 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/abril2013/portugues_artigos/literatura.pdf>. Acesso em: 08/07/2014.

PLATZER, Maria Betanea. *Crianças leitoras entre práticas de leitura*. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de. A transmissão familiar da leitura e da escrita. In: Ana Maria de Oliveira Galvão; Juliana Ferreira de Melo; Maria José Francisco de

Souza; Patrícia Cappuccio de Resende (orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.239-268.

SAMPAIO, Isabel Silva. *Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores*. 2008. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SAVAGE, Jon. *Teenage: The Prehistory of Youth Culture, 1875-1945*. Londres-New York: Penguin Books, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Mulher e educação. Trad.: Guacira Louro. Porto Alegre, v.15, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Márcia Cabral da. A circulação de textos literários entre crianças e jovens na sociedade contemporânea. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n.6, p.1-11, abr. 2011.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2007a.

SOARES, Magda. Formação de leitores: introdução ao mundo da leitura literária. Reflexão a partir de uma experiência. In: PRADO, Jason; DINIZ, Júlio. *Vivências de leitura: quem são e o que dizem as pessoas que estão escrevendo a história da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007b. p.127-130.

SOUZA, Renata Junqueira de. Narrativas infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam – considerações sobre os resultados de uma pesquisa. *Nuances: Estudos sobre Educação*, v.1, n.1, p.49-51, 2009.

THOMPSON, Paul [1978]. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEYNE, Paul [1978]. *Como se escreve a história*. 2.ed. Brasília: UnB, 1992.

VIANA, Maria José Braga. As práticas socializadoras familiares como *locus* de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.26, n.90, p.107-126, 2005.

WHITE, Hayden. *Tópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares. As contradições da obrigatoriedade escolar. In: Maria Alice Nogueira; Geraldo Romanelli; Nadir Zago (orgs.). *Família & Escola*. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.17-43.